

Escrever, você escuta  
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no escrevo o meu mundo.

Nós temos de trabalhar com  
os materiais da vida...

Mas eu me reconheço  
em todos os livros...

Ler e escrever parte de uma  
necessidade, nada mais que isso.

A leitura precede a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante é  
a minha relação com a escrita.

"Eu precisava que alguém  
me dissesse o que  
eu estava fazendo.

Alguém que fosse o observador,  
tá ligado?

Sai da barraca me tropeçando  
todo e quando olhei perto das  
brasas da fogueira,

tinha um cachorro branco.

Um baita dum cachorro branco,  
enorme.

Estava ali com a língua de fora  
me olhando.

Eu não sabia com certeza se era  
um cachorro, um lobo, algum  
bicho do mato.

Não sabia nem mesmo se ele  
existia, caralho.

E aí o cachorro se deitou,  
levantou uma pata traseira,  
curvou as costas,

esticou o pescoço e começou  
a lamber as bola.

Ele não parava  
de lamber as bola.

Simplesmente, não parava."

Minha família toda é gaúcha,  
mas meus pais moraram um curto  
período em São Paulo,

e eu nasci em São Paulo,  
um pouco por fatalidade,

eu sou paulista de nascimento,  
mas voltei muito pequeno para  
Porto Alegre,

foi onde eu cresci.

Depois eu morei mais cinco anos  
em São Paulo, morei dos meus  
cinco aos dez, onze.

Foi um período importante  
da infância,

eu até associo essa época,  
um pouco com o meu interesse  
pela leitura,

porque em São Paulo eu não  
saía, era uma criança que não  
saía muito de casa.

Guri de apartamento,

como se diz.

Enfim, cidade muito perigosa,  
minha mãe tinha medo,  
não era acostumada,

eu ia do colégio para casa,  
às vezes, fazia aula de natação,

mas não era como em  
Porto Alegre que eu andava  
de bicicleta na rua,

então em São Paulo eu ficava  
muito fechado em casa.

O que me fazia ler,  
jogar videogame, ver filme,  
ouvir música à exaustão.

Para mim não era problema,  
criei gosto por essas coisas,

eu acho que esse período inicial  
em São Paulo talvez  
tenha me trazido

esse interesse inicial  
pela leitura.

Contato direto com os livros  
dos meus pais todo dia.

E aí com dez ou onze voltei  
para Porto Alegre e passei  
muitos anos lá,

enfim, comecei a publicar,  
escrever, morava  
em Porto Alegre ainda,

depois de muito tempo lá,  
estava um pouco de saco cheio  
de Porto Alegre,

achei que era o momento de ir  
para São Paulo, uma cidade  
que eu não conhecia bem,  
  
porque eu era muito pequeno.

Eu passei três anos em  
São Paulo e foi uma maravilha.

Eu adoro São Paulo, quando  
voltei para lá mais velho,  
comecei a amar a cidade.

Por causa da riqueza cultural  
e de pessoas que ela oferece  
  
e de oportunidades  
também de trabalho.

Uma cidade muito intensa,  
uma cidade que não acaba.

Então passei três anos muito  
importantes em São Paulo,

até mesmo em termos  
de carreira de trabalho,

não só literário mas outros  
trabalhos que faço para ganhar  
a vida.

Sempre tive essa fantasia  
de morar um período  
num lugar isolado.

Podia ser na serra ou na praia.

E achei que era o momento da  
minha vida que eu poderia  
fazer isso.

Então resolvi me mudar  
para Garopaba,

que é uma cidade pequena  
no litoral catarinense,

tem 15 mil habitantes,  
mais ou menos.

Uma cidade de praias lindas,  
vila de pescador, tem pesca  
artesanal até hoje,

e consegui alugar uma casinha  
legal bem na beira da praia,

trabalhando ainda à distância,  
escrevendo e lendo o dobro  
do que eu conseguia ler antes.

A escrita entrou na minha vida  
quando eu tinha  
uns 16, 17 anos.

Foi o momento que eu comecei a  
arriscar os primeiros contos.

Apesar de ler muito e ter uma  
atração natural pela literatura

desde muito cedo,  
criança mesmo.

Foi engraçado porque demorou  
bastante para eu ter essa faísca

de que eu poderia começar  
a escrever também.

Durante toda minha adolescência  
e boa parte da minha juventude

eu tentei tocar violão, pintar,  
desenhar, fazer design,

enfim, outras formas  
de expressão, que eu  
conseguia fazer algumas

mais ou menos bem mas nenhuma  
me dava satisfação plena de  
sentir que era uma coisa

que eu tinha talento,  
que valia a pena explorar.

Eu sempre estive em busca de  
alguma coisa que me desse  
a sensação de conseguir

me comunicar com as pessoas  
além das conversas do dia a dia

que para mim tendiam  
a ser banais até  
por eu não falar muito.

E talvez por estar tão óbvio  
na minha cara,

umas das últimas coisas que  
tentei escrever foi ficção.

Que era uma coisa pelo qual eu  
era apaixonado,

a leitura de ficção, desde que  
eu aprendi a ler, com quatro,  
cinco anos de idade.

Já lia revistinhas,  
gibi, livro infantil.

Me lembro que os livros do  
Edgar Allan Poe, talvez tenham

tido um  
papel determinante disso.

Me lembro claramente de ter  
vontade de escrever quando eu  
lia os contos

do Edgar Allan Poe,  
e do Tchekhov também.

E lá eu comecei a fazer um  
conto aqui, um conto ali  
e coisas bem amadoras.

Quando eu comecei a ter  
experiência de escrever meus  
primeiros contos,

por mais ruins que eles fossem,  
mas eventualmente eu mostrava  
para alguém

e eu percebi através da  
resposta da pessoa.

Às vezes pelo retorno dos  
leitores, eu percebia o quanto  
eu tinha conseguido,

através do conto, dizer algo  
que eu jamais teria achado  
espaço na minha vida,

para dizer, para aquela  
pessoa, principalmente,

coisas sobre a minha forma  
de ver o mundo,

às vezes, algum sentimento que  
eu considerava  
um pouco secreto.

E comecei a mostrar aos poucos  
para os amigos,

comecei a usar a internet  
também, que coincidiu  
com essa época.

A internet começou  
a se popularizar no Brasil

em 96, 97

e foi nessa época que eu  
comecei a escrever,  
colocar meus textos em sites.

Aí eu entrei na faculdade de  
Comunicação na URGs

e lá encontrei muitas pessoas  
interessadas em literatura,

que queriam trabalhar com  
literatura de ficção,

outras que simplesmente  
liam muito.

E aí comecei a ter leitores,  
trocar textos com amigos meus.

E nesse processo, no momento  
ficou claro que eu queria muito

me dedicar, ou pelo menos  
tentar me dedicar à literatura.

Aí a gente começou a publicar  
em fanzines online, fazer  
publicações independentes,

comecei a ter um pequeno  
público leitor, aos pouquinhos.

E uma coisa foi puxando a  
outra, dos fanzines da internet

eu criei um selo editorial  
pelo qual publiquei  
meu primeiro livro.

E foi isso, um livro foi  
puxando o outro,

uma publicação foi puxando

a outra, e aí estou aqui.

Meu grupo de amigos, pelo menos, acho que se estendeu

pela minha geração  
como um todo,

usar a internet como um meio  
de comunicação era uma  
escolha um pouco óbvia.

E era uma exploração ao mesmo  
tempo, porque muita coisa que  
é evidente, hoje em dia,

de que a internet é o lugar  
ideal para publicar certos  
tipos de texto,

com blogs e tal, era uma  
coisa que ainda estava se  
tateando naquela época,

será que vale a pena,  
como poderia fazer,

qual é o modelo para conseguir  
publicar um texto, divulgar  
e ser lido, etc.

Se pensava muito em misturar  
multimídia, uma coisa  
que não colou, né?

"Ah, no futuro vai ser tudo  
texto e vídeo, e animação."

No fim a literatura continuou  
essencialmente a mesma,  
porém num meio diferente.

É uma coisa que eu acreditava  
desde aquela época.

A gente começou isso como  
uma brincadeira entre amigos  
de faculdade

para dar vazão para nossos  
textinhos, poemas e comentários

sobre o show  
do fim de semana passado.

E aquilo foi crescendo, tomando  
uma proporção que  
a gente não esperava

e eu, de repente, tinha cinco  
mil pessoas que estavam,

sei lá, não eram as cinco mil  
que liam, mas sabia que umas  
duas mil estavam lendo

os dois textos que eu publicava  
por semana.

Foi ali que eu realmente fui  
lapidando um pouco meu estilo,

descobrimo o que funcionava,  
o que não funcionava,

e me convencendo de que eu  
queria me dedicar cada vez mais  
a escrever.

A internet não existia em 95  
para a gente, para o público  
em geral.

Ela existia para quem entendia  
de informática.

De repente tinha aquela coisa,  
sabe, então acho que fiz parte  
do primeiro grupo de autores

que começou a se dar conta  
que poderia fazer  
uma revista online,

facilmente, se aprender a  
programar um pouquinho,

divulgar para meus amigos e ter  
onde publicar os textos sem ter

que gastar dinheiro publicando  
ou fazendo xerox.

Dava uma liberdade muito grande  
e possibilidades que ainda não  
eram totalmente conhecidas

e eu fui um dos que tentou  
explorar isso de maneiras,  
talvez um pouco novas.

Mas acho exagero dizer que  
seria um pioneirismo,

mas acho que fui um dos  
que pegou a onda.

E não era questão de criar uma  
nova literatura, um novo tipo  
de literatura,

era simplesmente de como  
aproveitar esse meio novo  
muito poderoso

para divulgar o mesmo tipo  
de literatura  
que já estava fazendo

só que com uma alternativa ao  
livro, jornal e  
outras formas de divulgação

que eram as que existiam  
até então.

Para mim foi importante, óbvio,  
formei, comecei a ter leitores  
na internet.

De forma que quando eu  
publiquei livros,  
já haviam pessoas

que conheciam o meu trabalho  
e já foram buscar os livros,

então teve um pontapé inicial  
que foi dado pelo trabalho  
na internet.

Então foi crucial  
para a minha carreira.

A gente pensou, vamos fazer  
um selo editorial,

conseguimos um pequeno  
financiamento e fizemos, então,

"Dentes Guardados",  
que foi meu primeiro livro,

e o "Ovelhas que Voam se Perdem  
no Céu", que foi o livro de  
estreia

do Daniel Pellizzari. E a gente  
lançou a Livros do Mal que era  
um selo editorial independente.

Também era uma coisa que a  
gente tinha ambição, claro, de  
fazer esses livros circularem,

mas o que acabou acontecendo  
foi uma proporção muito maior  
do que a gente esperava.

Teve resenhas e matérias sobre

a editora em jornais  
do Brasil inteiro.

A gente começou a receber  
encomendas do livro de todos  
os estados do Brasil.

Tiragens que a gente achava  
que iam encalhar  
600 a 800 livros,

foram vendidos em alguns casos  
em quatro meses.

Teve um negócio muito legal que  
a gente conseguiu se inserir

e fazer um pouco de barulho e,  
de repente, havia aquele  
grupinho de autores

do Rio Grande do Sul  
que tinha publicado  
algumas coisas legais.

Então foi meio que  
a porta de entrada.

Livros do Mal, foi uma editora  
criada por mim,  
Daniel Pellizzari,

que é escritor também e  
Guilherme Pilla,  
artista plástico,

que na época escrevia também.

E nós escrevemos juntos num  
fanzine eletrônico que chama  
Cardoso Online,

que fez bastante sucesso,  
não só no Rio Grande do Sul,  
mas no Brasil também.

Foi um pequeno fenômeno da  
internet brasileira,

que é uma revista por e-mail,  
a gente mandava e-mails só com  
texto, sem imagens nem nada.

Com muito texto.

E aquilo era ali por cinco  
mil assinantes.

Nesse fanzine eletrônico  
publiquei muitos contos.

E aí a gente chegou num momento  
eu, Daniel e Guilherme, que

eu não sei exatamente de onde  
veio a ideia,

mas alguém falou em selo  
editorial, poderia fazer livros,

e a gente foi pesquisar o que  
precisaria para isso

e percebemos que tínhamos  
condição de fazer,

eu sabia diagramar livros  
no computador,

o Guilherme era artista  
plástico, poderia trabalhar  
em design, nas capas,

o Pellizzari tinha um talento  
muito bom para edição de texto.

A gente conseguiu captar um  
pouco de dinheiro de um  
programa cultural

da prefeitura de Porto Alegre,  
que é o Filme PROARTE,

e imprimimos dois livros, que  
era o meu de estreia e do  
Daniel Pellizzari,

que era "Antologias",  
de contos.

No caso o meu é o  
"Dentes Guardados".

A gente fez isso e divulgamos,  
foi um sucesso bem maior até  
do que a gente esperava

e a gente conseguiu criar um  
movimento de fazer nove livros

de autores novos que estavam  
publicando na internet,

já usavam a internet  
há um bom tempo,

a gente já conhecia o trabalho  
deles, sabia que era ótimo,

mas não tinham tido  
oportunidade de publicar livro.

A gente fazia esquema com eles,  
dividia um pouco o custo,

dividia um pouco  
o eventual faturamento.

E como fizemos livros  
bem feitos, bem divulgados,

que tinham uma estética legal,  
livros que muita gente  
gostava de colecionar,

porque eles eram bonitos,  
bem editados.

Foi uma coisa que  
deu super certo,

deu tanto certo que começou  
a crescer,

tinha uma demanda enorme e aí  
surgiu a necessidade  
de tornar aquilo

ou num negócio,  
uma editora mesmo,  
ou parar de fazer aquilo

para favorecer a carreira como  
autor, como tradutor,

porque a gente sentiu que ia  
ficar difícil conciliar.

E aí a Livros do Mal  
acabou em 2003, 2004,

porque a gente não tinha mais  
condições de brincar de editor.

Ou a gente virava editor e  
talvez sacrificasse  
a carreira de autor, tradutor

ou tudo bem, deixa quieto e  
distribui os livros que já tem

e vamos ver no futuro  
o que acontece.

Publiquei meus dois primeiros  
livros pela Livros do Mal,

"Dentes Guardados" e o  
"Até o Dia Que o Cão Morreu".

E foi com a circulação desses  
livros que eu acabei  
despertando o interesse

da Companhia das Letras que  
é minha editora hoje.



Eu não gosto muito de  
idealismos assim,

eu vejo a literatura como uma  
coisa muito mais próxima da  
vida das pessoas

e ler e escrever parte  
de uma necessidade,  
nada mais que isso,

não é algo que está pairando  
sobre as pessoas.

Odeio quem fala "o literário".

Eu levo à sério a literatura no  
sentido de que eu organizo

toda minha vida ao redor dela  
hoje em dia.

Parece que tudo que eu faço  
está caminhando para aquele  
momento que vou conseguir

ter a ideia, o tempo e a  
poupança para parar três ou  
quatro meses da minha vida

e começar a escrever um livro.

Tive consecutivas lições que  
eu tenho que fazer,

depositar minhas energias em  
escrever os meus livros,

eu trabalho com muitas outras  
coisas para poder  
ganhar a vida,

mas estou sempre em busca  
daquele parênteses no qual eu  
possa me focar em só escrever.

A minha vida acaba  
se organizando  
ao redor desses momentos.

Hoje já está bem claro para mim.

Não, eu não diria  
que escrever é sofrido.

Não entendo porque alguém faria  
algo sofrido se é um capricho  
como escrever livros.

Vai fazer outra coisa, né,  
se for sofrido.

Acho engraçado alguns autores  
falarem, "ah mas dói escrever",

vai fazer outra coisa, não está  
ganhando dinheiro com isso.

Tem tanta opção.

Ela pode ser difícil,  
não quer dizer que é sofrida.

Dificuldade não implica  
necessariamente em sofrimento.

Eu acho que quando termino um  
livro, me dá um alívio por eu  
ter conseguido fazer aquilo

e eu poder tirar meu foco um  
pouco daquela coisa que ficou  
tanto tempo

me consumindo atenção,  
imaginação, enfim.

Mas não acho que é sofrido,  
não.

Também não acho que a boa  
literatura depende  
de experiências

que carreguem sofrimento,  
não existe essa ligação, não.

Eu tenho a tendência  
de ficar bastante tempo  
sem escrever nada.

Eu acho que tem um processo  
anterior a escrever o livro,

que eu guardo as ideias,  
os personagens na minha cabeça

durante muito tempo, meses,  
e eventualmente anos.

Coisas que viraram cenas  
do livro, às vezes são coisas  
que rodavam com um filme

na minha cabeça desde que  
eu tinha oito, dez anos,  
por incrível que pareça.

Então esse hábito  
de ir guardando certas cenas,  
certas ideias,

que às vezes eu não sei o que  
significam, mas o fato de

estarem voltando à minha cabeça

e elas me atraírem  
por algum motivo,  
vai me deixando intrigado

e eu vou elaborando,  
quer dizer,

o que significa esse cara,  
como que ele é,  
o que ele vai fazer?

Eu vou deixando as ideias  
fazerem sentido para mim mesmo.

Isso é uma coisa que  
tem que dar o tempo.

Mas então, nesse meio tempo,  
eu fico fazendo anotações,

não escrevendo de fato,  
faço pequenas anotações

mas fico rodando a coisa na  
minha cabeça várias vezes,

rebobina, volta,  
rebobina, volta.

É quase um processo de evolução  
darwinista que acontece  
na imaginação, assim.

Deixar elas cozinhar um tempo,  
acho que algumas vingam,  
se tornam coisas interessantes

e outras não, e para isso  
elas precisam de tempo.

Difícilmente eu tenho uma ideia  
e saio escrevendo ela.

Então isso pode demorar anos,  
acho que tem coisas no  
"Mãos de Cavalo" que ficam anos

na minha cabeça até se  
transformarem num personagem,  
numa cena.

Então eu procuro dar esse tempo  
antes de começar  
o próximo livro,

sem escrever,  
deixar simplesmente  
que as horas vazias,

ou as horas de ócio criativo,  
como se diz, meu dia...

que essas ideias fiquem...

aí os personagens  
ficam mais claros,  
os significados das cenas,

das histórias que estão  
aparecendo vão se revelando  
um pouco para mim.

Porque eu estava pensando nisso?  
Porque significa  
mais ou menos aquilo.

Com base nisso eu consigo  
imaginar um conto,  
um romance.

Então é um exercício um pouco  
mais de paciência também.

Acho que para alguns autores  
funciona mais escrevendo

e tem autores que diz que têm  
que escrever todo dia e que

se mantêm esse hábito,  
eles produzem mais.

O meu não é bem assim.

Tenho que ficar bastante tempo  
sem escrever,

no máximo fazendo  
notas muito breves,

até que chega uma hora  
e eu tenho algo ali  
formado na imaginação

que dá para começar a escrever.

Aí, eu sento, crio esse  
"parênteses" e tento,

aí, sim, escrever todo dia e  
tento fazer de um fôlego só

sair pelo menos uma primeira  
versão do conto, do livro,

no qual posso trabalhar com  
mais calma depois.

Enfim, eu sinto isso na minha  
própria pele,

a minha literatura não é  
diferente dos outros,

ela tem um componente que são  
das minhas experiências,  
evidentemente,

não vou me interessar a  
escrever algo se aquilo ali não  
significou nada para mim.

Eu acho que ninguém escreve

aleatoriamente,  
mesmo quando vai fazer o livro  
mais diferente, do tipo de  
fazer uma história  
que se passa em Marte,  
em 3.500,  
só com esquilos, sei lá,  
pensa a coisa mais absurda,  
a escolha daquele cenário e  
o que vai acontecer na história  
não vem do nada.

Existem escritores  
que maquiam muito bem  
qualquer componente subjetivo  
que tenha nos textos deles,  
mas acho que sempre está  
em algum lugar,  
e alguns estilos revelam isso  
de forma mais explícita.

Acho que toda ficção,  
como eu disse,  
é uma mistura de realidade,

é experiência subjetiva do  
autor e é também, às vezes,  
reprodução de fatos reais que  
aconteceram com ele ou com  
pessoas que ele conheceu.

E a imaginação do autor.

Mas o que acho importante ter  
em mente, é que  
a união dessas coisas  
que gera ficção, a narrativa

de ficção não é nem imaginação  
nem realidade,

ela é uma terceira coisa e tem  
que ser julgada como tal.

Acho um pouco triste isso, acho  
que uns dos encantos da ficção

é justamente quando ela  
consegue ter essa criação,

que não tenha o vínculo direto  
ou explícito com o real.

Quando eu escrevia no  
Cardoso Online ainda eu comecei  
a ter esse retorno de leitores.

Aí comecei a perceber,  
o pessoal acha que tudo  
que eu escrevi eu fiz.

É meio doente isso.

Aí recebia vários  
e-mails comentando,

"Tu também passou por isso?"

Não, na verdade, eu não passei,  
eu inventei.

"Cordilheira" é um romance que  
foi publicado dentro de um  
projeto chamado

Amores Expressos, de uma  
produtora paulista cultural,

que mandou 16 autores  
brasileiros para  
16 cidades do mundo

para ficar um mês na cidade

e escrever um romance que se  
passa na cidade,

e uma história de amor.

E o "Cordilheira" é o resultado  
da minha estadia  
em Buenos Aires,

na verdade, a ideia de um  
romance que eu já tinha,  
ia escrever de qualquer forma

que foi combinada com esse  
projeto que fui  
para Buenos Aires,

então situei a história em  
Buenos Aires, começa em  
São Paulo

e depois se passa  
em Buenos Aires,  
na Terra do Fogo.

Enfim, é um romance um pouco  
diferente dos meus outros

porque ele tem alguns elementos  
de meta-ficção,

tem umas brincadeiras  
com citações,

explora bastante o limite  
entre realidade e ficção,

entre vida e obra na vida  
de um autor.

Enfim, é narrado por uma  
mulher, a personagem principal  
é uma escritora muito jovem

que lançou um romance jovem,

fez muito sucesso,  
mas ela odeia o livro e ela vai  
para Buenos Aires para lançar  
o livro,  
já tinha vendido os direitos e  
ela está tendo uma crise,  
se separa do namorado porque  
ela está obcecada em ter um  
filho e o cara não quer.  
Acabam brigando, ela vai para  
Buenos Aires,  
decide ficar lá por tempo  
indeterminado  
e aí conhece  
um fã do livro dela,  
um cara esquisitíssimo que o  
leitor vai percebendo que ele  
está mais interessado no  
personagem do livro dela  
do que nela.  
E a trama vai se desdobrando  
a partir daí e paralelamente  
esse desejo secreto dela ter um  
filho a qualquer custo e o que  
ela está disposta a fazer  
para conseguir isso.

[Risos]

Você já amou?

Já, já.

A gente sabe das coisas, tá?!

Você já amou de verdade?

Já!

Então procura a Marcela.

[Música alta]

Acorda.

"Dentes Guardados"  
virou peça de teatro

e o "Hotel de Cão Morreu"  
virou o "Cão Sem dono".

Eu gosto do filme, mas é claro,  
acho que qualquer autor é  
sempre apegado

à sua própria versão  
da história.

Eu fiquei não sei quantos meses  
trabalhando naquilo,

pensando em cada detalhe, então  
é evidente que mudar qualquer  
coisa ali

é uma coisa que num nível bem  
íntimo, me perturba, sabe.

Ao mesmo tempo, qualquer boa  
adaptação cinematográfica de  
um livro de literatura,

ela com pouquíssimas exceções  
implica em mudanças  
significativas

na história, na linguagem,  
porque são  
linguagens diferentes

e também porque o diretor de cinema não é um funcionário

que está querendo ser fiel ao autor, ele é em geral,

também um autor, tem sua própria visão.

Então os filmes são diferentes dos livros em que foram baseados e é um fato.

Aí quando tu vende o direito para um cinema, quer dizer,

tem que conhecer que vai ter esse apego, que algumas coisas vão te desagradar,

mas também aceitar o fato de que vai ser mudado.

Acho que tem que ter uma postura madura em relação a isso.

Até fiquei surpreso, acho que o filme teve bem mais coisas que tem a ver com o livro

do que eu esperava, sempre gostei muito do Beto Brant, um diretor que eu confiava.

Tem algumas coisas que eu faria diferente na história,

que me desagrada, evidentemente, mas acho que no geral eu fiquei satisfeito.

Poderia ser muito pior, digamos assim.

Acho que foi o Nick Hornby  
ou algum autor americano,  
novo, que disse,

'não entendo esses autores  
que ficam reclamando dos filmes  
que foram feitos a partir...'

é tipo assim, só existe uma  
solução para isso,  
não aceita o dinheiro.

Tem isso, o dinheiro de venda  
de direitos para um filme,  
para TV,

é uma coisa importante na  
carreira de um autor que também  
pretende viver da literatura.

Então tem que ter uma abordagem  
prática para isso,

se não quer se incomodar,  
não vende,

agora se vendeu, deixa o cara  
trabalhar e não enche o saco.

Vai ser diferente,  
provavelmente você não vai  
gostar de um monte de coisa,

mas abaixa a cabeça e faz  
outro livro, porque passou.

Ele fica sozinho, Ciro?

Quem?

O teu cachorro, quando tu sai.

Às vezes ele fica em casa,  
às vezes ele fica na rua.

Se tem um dono, o dono cuida.

Eu não sou dono, sou amigo.

Eu quero ir para o mundo sabe,  
quero viajar.

Eu acho que você  
tem que parar de sonhar.

Como assim "parar de sonhar"?

Só hoje!

Vai, fala então, fala uma  
poesia para mim, Ciro, fala.  
Lê dentro da minha alma.

Eu acho que a partir do momento  
que descobri que para mim

a maneira possível de ter  
um contato mais, um vínculo  
mais profundo

com as pessoas e com  
o mundo era através da,

não só da leitura,  
mas também da escrita,

eu fiquei dependente disso e  
acho que nunca vou conseguir  
me livrar.

Parar de escrever me faria  
retornar a um estado de  
relativa solidão

ao qual eu não pretendo  
retornar jamais.

Acho que a literatura não é só  
escrever um livro e publicar,

ela é todo um processo que  
é um círculo que só termina

quando a leitura acontece  
e ela significa alguma coisa

e de alguma forma acaba  
retornando para o autor,

mesmo que às vezes  
o leitor não saiba.

Eu acho que quando recebo de  
volta, enfim, qualquer efeito  
que o livro venha causar,

bom ou ruim,  
negativo ou positivo,

porque aí vira  
uma comunicação mesmo.

Algo que partiu de mim,  
voltou para mim,

Se não estou envolvido em  
alguma atividade muito prática

e essencial para minha  
sobrevivência, estou sempre  
pensando numa história.

